

O RELATO BÍBLICO DA CRIAÇÃO: UMA APROXIMAÇÃO PARA A COSMOVISÃO

*Filipe Costa Fontes**

RESUMO

Este artigo discute a nossa aproximação do relato bíblico da criação. Ele argumenta que tendemos a uma aproximação reducionista, relacionada à apologética científica e ao desejo de responder determinadas curiosidades científicas. Defendendo que esta aproximação não faz justiça ao contexto do relato, o autor argumenta que ela perde de vistas os seus impactos para a cosmovisão cristã e propõe uma aproximação que leva em conta esses impactos, exemplificando os seus benefícios.

PALAVRAS-CHAVE

Cosmovisão cristã; Apologética; Criacionismo; Hermenêutica bíblica.

INTRODUÇÃO

Muitos de nós estamos familiarizados com a ideia de cosmovisão, um conceito que nasceu na filosofia alemã, no final do século 18, e propõe, basicamente, duas coisas: que não somos meros expectadores da realidade, mas intérpretes, e que a interpretamos a partir de um conjunto de crenças fundamentais. Os reformados se apropriaram deste conceito, menos de cem anos depois de seu nascimento. Como esclarece David Naugle:

As nascentes da tradição de cosmovisão entre os protestantes evangélicos podem ser traçadas a duas fontes primárias, ambas fluindo dos mananciais teológicos do

* Mestre e doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; mestre em Teologia Filosófica pelo CPAJ; licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção; graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição; professor assistente de Teologia Filosófica no CPAJ.

reformador de Genebra João Calvino (1509-1564). A primeira delas é o teólogo, apologista, ministro e educador presbiteriano escocês James Orr (1844-1913). A segunda é o estadista e teólogo neocalvinista holandês Abraham Kuyper (1837-1920). Apropriando-se do conceito do meio intelectual mais amplo do continente europeu de meados até o final do século 19, esses dois pensadores seminais introduziram o vocabulário de cosmovisão no pensamento cristão reformado atual.¹

Essa apropriação não aconteceu por acaso, mas pela convicção de que articular a fé cristã em termos de cosmovisão poderia ser útil no enfrentamento dos desafios culturais por parte dos cristãos modernos.

Desde então, diferentes iniciativas de articulação da fé cristã em termos de cosmovisão têm surgido entre os reformados, todas com um ponto comum: a sustentação da importância fundamental da doutrina da criação. Como diz Francis Schaeffer:

O Cristianismo não começa com a ordem “aceite a Cristo como o seu Salvador”. Ele começa com “no princípio criou Deus os céus e a terra”. Somente a partir deste ponto estamos prontos para explicar a causa original de toda a perdição e a resposta para ela na morte de Cristo.²

Na verdade, esta não é uma peculiaridade dos reformados contemporâneos. No século da Reforma, Pedro Vermigli já dizia:

Para nós, é de grande importância que abracemos com fé essa feitura do mundo, para que o Credo possa adotar daqui o seu ponto de partida. Se isso fosse removido, o primeiro pecado não prevaleceria, as promessas relacionadas a Cristo viriam abaixo, e todo o poder da religião soçobriria até ao fundo. Ademais, uma vez que os artigos da nossa fé são mais ou menos proposições ou princípios de nossa piedade, entre todos eles esse artigo é considerado o primeiro em ordem.³

Apesar deste destaque atribuído pela tradição de cosmovisão à doutrina da criação, a nossa aproximação do relato bíblico que a apresenta, frequentemente, se preocupa pouco ou quase nada com as contribuições dele para a nossa visão de mundo. Este artigo pretende discutir essa questão.

¹ NAUGLE, D. *Cosmovisão: a história de um conceito*. Brasília: Monergismo, p.30-31.

² SCHAEFFER, F. *O Deus que intervém*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, apêndice A, p. 210.

³ VERMIGLI, P. M. Comentário sobre Gênesis. In: THOMPSON, J. L.; GEORGE, T. F.; MANETSCH, S. M. *Comentário Bíblico da Reforma – Gênesis 1-11*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 73.

1. APROXIMAÇÃO COMUM

Suspeitamos, inicialmente, que, na maioria das vezes, a nossa aproximação do relato da criação acontece com uma preocupação apologética reducionista, associada à busca de respostas para determinadas curiosidades científicas.⁴ O que chamamos de preocupação apologética reducionista é a tendência de ler Gênesis 1 e 2 como se ele fosse uma polêmica intencional e direta contra as propostas evolucionistas contemporâneas. As curiosidades que temos em mente são aquelas relacionadas à idade da terra, à literalidade dos dias da criação, ao modo de locomoção da serpente etc.

É importante esclarecer que não ignoramos o valor do que buscamos em nossa aproximação mais comum. Pelo contrário, estamos cientes dos prejuízos causados pelo darwinismo, e, conseqüentemente, da necessidade de enfrentá-lo de maneira perspicaz e corajosa.

No início do século passado, cientistas e políticos importantes previram irrefletidamente que a ciência – especialmente a biologia darwiniana – forneceria soluções para todos os problemas da sociedade americana, do crime à pobreza e ao desajuste sexual. Contudo, a política e a cultura foram desumanizadas na medida em que os especialistas das diversas ciências começaram a tratar os seres humanos como um pouco mais do que animais ou máquinas. Na justiça criminal, eles negaram a existência do livre arbítrio e propuseram a substituição da punição por “curas” invasivas, como a lobotomia. Na saúde, eles propuseram eliminar os pobres esterilizando aqueles que são considerados biologicamente impróprios. Nos negócios, eles impulsionaram a seleção de trabalhadores com base em teorias racistas da evolução humana e o desenvolvimento de métodos publicitários capazes de manipular mais efetivamente o comportamento do consumidor. Na educação sexual, eles defenderam a criação de uma nova moralidade sexual baseada no “comportamento normal dos mamíferos” sem levar em conta os imperativos éticos e religiosos de longa data.⁵

Semelhantemente, não ignoramos o valor de investigar o texto bíblico com a finalidade de buscar respostas para as nossas curiosidades. Como diz a sabedoria bíblica: *a glória de Deus é encobrir as coisas, mas a glória dos reis é esquadrihá-las* (Pv 25.2). Sabemos que assim como um pai se deleita nas pequenas descobertas de um filho, Deus se alegra quando descobrimos verdades a respeito do funcionamento do universo criado por ele.

O nosso incômodo não é com o fato de nossa aproximação incluir o interesse apologético e a busca por responder curiosidades; é com o fato de que,

⁴ Para uma discussão sobre formas de aproximação ao longo da história, cf. MEISTER, M. “A questão dos pressupostos na interpretação de Gênesis 1.1 e 2”. *Fides Reformata*, Vol. V, n. 2 (2000), p. 143-157.

⁵ WEST, J. G. *Darwin Day in America*. Wilmington: Isi Books, 2007, p. ix (prefácio).

frequentemente, ela se limita a essas coisas. Quando isso acontece, ignoramos algumas das implicações mais importantes do relato criacional, que são aquelas relacionadas à nossa cosmovisão. Mais importantes por causa do lugar fundamental que elas ocupam em nossa experiência da realidade como um todo, determinando inclusive a nossa epistemologia e labor científico.

2. APROXIMAÇÃO PARA A COSMOVISÃO

Um dos princípios elementares da boa hermenêutica é o de que a nossa aproximação do texto bíblico deve ser contextual. O contexto de uma passagem bíblica fornece não apenas informações importantes para a compreensão das diferentes sentenças que a compõem, mas também a compreensão do seu propósito central; algo que deve ser determinante da nossa aproximação dela.

Em seu clássico *Princípios de Interpretação Bíblica*, Berkhof apresenta quatro importantes pressupostos para a interpretação histórica da Bíblia. São eles:

- a) A palavra de Deus teve a sua origem de uma forma histórica e consequentemente, só pode ser entendida à luz da História. (...)
- b) Uma palavra nunca é completamente entendida até ser aprendida como palavra viva, isto é, originária da alma do autor. (...)
- c) É impossível entender um autor e interpretar corretamente suas palavras sem que ele seja visto à luz da sua experiência histórica. (...)
- d) O lugar, o tempo, as circunstâncias e a visão prevalecentes do mundo e da vida em geral irão, naturalmente, alterar os escritos produzidos sob tais condições.⁶

A partir desses pressupostos, Berkhof propõe que é obrigação do intérprete bíblico “reconstruir, tanto quanto possível, a partir dos dados históricos disponíveis e com o auxílio das hipóteses históricas, o ambiente no qual os escritos particulares em consideração se originaram”,⁷ além de “considerar as várias influências que determinaram mais diretamente o caráter dos escritos em consideração, tais como: leitores originais, propósito que o autor tinha em mente, idade do autor, sua estrutura mental e as circunstâncias especiais em que compôs seu livro”.⁸

O contexto do Gênesis é o êxodo: a saída do povo hebreu do cativeiro egípcio, onde permanecera escravizado por cerca de 400 anos. Ao longo de todos esses anos, certamente os hebreus tinham estado submetidos a relatos alternativos de origem; cosmogonias pagãs que, apesar da permanência do verdadeiro relato criacional através da tradição oral, provavelmente influenciaram a cosmovisão deles. Em algum nível, esses relatos poderiam moldar algo da compreensão que eles tinham de si mesmos, além da compreensão

⁶ BERKHOF, L. *Princípios de interpretação bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000, p. 112.

⁷ *Ibid.*, p. 113.

⁸ *Ibid.*

que tinham dos outros e do mundo, e poderiam impactar, significativamente, o estabelecimento deles como nação na terra prometida.

Todas as cosmogonias antigas eram politeístas e concebiam o universo e o homem como resultados da ação de múltiplos deuses. Na maioria delas, a origem do universo estava relacionada à tensão entre esses deuses diferentes. E em algumas delas, o surgimento do homem está relacionado à necessidade de realização de atividades que os deuses consideravam indignas. Que tipo de sociedade tenderia a surgir de uma cosmogonia que naturalizava o conflito, a ponto de conceber a própria origem da realidade nos termos de um? E que fundamento para a dignidade humana existiria em uma sociedade que concebe os seres humanos como seres inferiores criados para realizar o trabalho sujo que os deuses não queriam realizar?

“Gênesis 1 é uma declaração deliberada da visão hebraica da criação em oposição a visões rivais”.⁹ O seu objetivo primordial é oferecer uma narrativa confiável das origens, em polêmica com as cosmogonias pagãs mais influentes no período antigo, visando a pureza da visão de mundo do povo hebreu, tendo em vista o seu estabelecimento como nação na terra prometida. Como sustenta Bruce Waltke:

A esplêndida educação de Moisés, os dons espirituais excepcionais e a vocação divina singularmente o qualificaram para compor o conteúdo e formas essenciais de Gênesis e do Pentateuco. Walther Eichrodt, que escreveu uma teologia clássica do Antigo Testamento, discute que Moisés é mais bem descrito como fundador da teocracia para trazer ao mundo uma nova ordem. Como tal, Moisés, necessariamente, teria dado a Israel os primórdios de sua história, significado e destino, bem como suas leis. Toda política e/ou comunidade religiosa deve ter um memorial de sua história que a defina e a distinga. Gênesis também registra as origens das nações que são destinadas a estar sob o domínio de Israel (ex., cap. 10). Além do mais, a narrativa histórica de Gênesis reiterada e enfaticamente explica que o Deus de Israel, o Deus da criação e o Senhor da história convocou Israel a tomar posse de Canaã e sobre essa base abençoar as nações

⁹ WENHAM, G. J. *Word Biblical Commentary – Genesis 1–15*. Dallas: Word, 1995, p. 9. “Hasel detecta cinco áreas nas quais Genesis 1 parece estar atacando cosmologias rivais. 1) Primeiro, em algumas cosmogonias do Oriente Próximo, os dragões são rivais que os deuses cananeus conquistam, ao passo que em Gênesis 1:21 os grandes monstros marinhos são apenas um tipo de animal aquático criado por Deus. 2) Em segundo lugar, essas cosmogonias descrevem a luta dos deuses para separar as águas superiores das águas inferiores, mas Gn 1: 6–10 descreve os atos de separação por simples decreto divino. 3) Terceiro, a adoração do sol, da lua e das estrelas era corrente em todo o Oriente antigo. Gênesis intencionalmente evita usar as palavras hebraicas normais para o sol e a lua, para que não sejam tomadas como divinas, e diz que Deus criou a luz maior e menor. 4) Quarto, a tradição babilônica vê a criação do homem como uma reflexão tardia, um artifício para aliviar os deuses do trabalho e fornecer-lhes alimento. Para Gênesis, a criação do homem é o objetivo da criação e Deus fornece ao homem alimento. 5) Finalmente, Gênesis mostra Deus criando simplesmente através de sua palavra falada, não através de enunciados mágicos como é atestado no Egito”. Ibid.

(ex., 12.1–3; 15; 17). Finalmente, ela também prediz o futuro das tribos com base em sua história pregressa (ex., cap. 49). Em suma, o fundador de Israel é a pessoa mais provável para transpor seu repositório nacional de tradições antigas para uma história coerente a fim de definir a nação e sua missão. Sua nobre visão incita a imaginação e conclama seu auditório a dispor-se em conformidade com essa memória.¹⁰

A nossa aproximação do relato criacional deve ser determinada por este contexto. Dentre outras coisas, isto significa que devemos lê-lo, primariamente, não como um texto de apologética científica,¹¹ mas como um texto que finca algumas das estacas mais fundamentais da nossa experiência no mundo. Gênesis 1 e 2 é um relato pré-científico. Quem imagina que isso implica menor abrangência e autoridade precisa, com urgência, rever o seu conceito de ciência. Esta afirmação implica exatamente o contrário: ele é mais abrangente e mais autoritativo do que costumamos imaginar.

2.1 A aproximação dos reformadores

Esta aproximação que temos em mente aqui encontra inspiração na aproximação dos reformadores. Esses nossos irmãos do passado se esforçaram para que apenas a Escritura tivesse peso normativo final em sua produção teológica e obtiveram grande sucesso neste esforço. Mas a produção deles não foi original no sentido de que eles renunciaram ao diálogo com a produção precedente. Os temas e escritos dos antigos e medievais estiveram sempre presentes na produção teológica de Lutero, Calvino e outros teólogos do século 16.

Não foi diferente quanto a Gênesis 1 e 2. Os pais da igreja manifestaram tal interesse no relato da criação, que criaram um tipo de literatura para escrever sobre ele. Trata-se dos *Hexaemeron*, uma espécie de comentário cujo nome é derivado dos seis dias. Dentre os principais estão os de Filo, Basílio e Ambrósio.¹² Os comentários dos reformadores¹³

raramente diferem dos precursores patrísticos e medievais, geralmente porque seus interesses ou prioridades teológicas não mudaram radicalmente – ou em

¹⁰ WALTKE, B. K; FREDERICKS, C. J. *Gênesis*. Comentários do Antigo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 21-22.

¹¹ A expressão reverbera o título desta obra: BRIGGS, A. *A penúltima curiosidade*: como a ciência navega nas questões últimas da existência. Viçosa, MG: Ultimato, 2018.

¹² Cf. CROSS, L.; LIVINGSTONE, E. A. (Orgs). *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 769 (Hexaemeron).

¹³ Pelo menos dois *Hexaemeron* foram publicados por reformadores. Wolfgang Capito (1478-1541) publicou o seu em 1539 e Jerônimo Zanchi publicou o seu em 1591. É provável que o abandono dessa tradição literária encontre suas razões no estilo e no alto grau de dependência que a maioria dos *Hexaemeron* antigos e medievais tinham do pensamento grego.

alguns casos porque os textos despertam mais curiosidade ou especulação do que qualquer questão de importância teológica. No primeiro grupo estariam os textos que falam do descanso de Deus no sétimo dia (fonte predileta de exortações sobre as práticas do Sabbath, mas ainda não particularmente controverso) ou sobre o domínio que originalmente o homem e a mulher exerciam sobre a criação, ou a natureza sacramental das duas árvores no paraíso. No último grupo pode-se colocar um número considerável de textos, que incluem muitos dos interessantes detalhes dos seis dias da criação, tais como a natureza do firmamento ou como houve luz sem o Sol, bem como detalhes semelhantes sobre a natureza e a localização do paraíso (geralmente uma ocasião para uma nostalgia arrebatadora), o difícil problema de associar os quatro rios do paraíso a rios conhecidos hoje, e assim por diante.¹⁴

Essas palavras de Thompson mostram que, tradicionalmente, os comentários dos reformadores, como os dos antigos e medievais, distinguiam dois tipos de questões: as de importância teológica e as curiosidades ou questões especulativas. As palavras seguintes mostram que a grande contribuição dos reformadores consistiu em atribuir lugar secundário às questões especulativas, priorizando uma hermenêutica literal do relato, que levava em conta o reconhecimento do propósito revelacional de Deus nele. Sendo assim,

Gênesis 1 se assemelharia mais a um sítio arqueológico, no qual os comentaristas poderiam escavar à vontade em áreas como a Cosmologia, o calendário e o almanaque, a Filosofia, a Geologia, a História Natural e a Antropologia – bem como a teologia, é óbvio. A tentação para especular, para tentar adivinhar ou ler nas entrelinhas, para se perder nas minúcias do hebraico, do grego ou do latim era um perigo permanente reconhecido por muitos comentaristas da Reforma. Por conseguinte, seu melhor trabalho exegético representa a dialética entre o desejo de se apegarem ao sentido pleno e literal do texto e o cuidado para fazê-lo sem deixar de compreender muito bem, até nos mínimos detalhes, a intenção reveladora de Deus com essas palavras claras e literais, e, em particular, o que intentava Deus que os leitores, tanto contemporâneos como os antigos, deduzissem dessas palavras para que elas contribuíssem para a genuína edificação deles.¹⁵

Uma das evidências deste foco é a estrutura dos comentários. Eles costumavam ser iniciados com “um prefácio à parte, quase sempre denominado ‘o argumento do livro’, o qual proporcionava ao leitor uma visão geral dos objetivos e o esboço do texto sagrado”.¹⁶ A finalidade era que o leitor se aproximasse do

¹⁴ THOMPSON, J. L.; GEORGE, T. F.; MANETSCH, S. M. *Comentário Bíblico da Reforma – Gênesis 1-11*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 48.

¹⁵ *Ibid.*, p. 64.

¹⁶ *Ibid.*

relato buscando compreender o seu ensino para a compreensão da identidade humana e do lugar que ocupamos na realidade criada. Ver, por exemplo, o que diz Wolfgang Capito (1478-1541):

...se algum leitor, com uma mínima espécie de confiança nas Escrituras, contemplasse o ordenamento da obra de Deus como explicado por Moisés, logo admitiria que a força e o poder de Deus são infinitos. Logo, também entenderia que este universo e todas as suas partes dependem da vontade e palavra divinas. Uma vez persuadidos de que tudo foi criado *ex nihilo* exclusivamente pela Palavra coeterna do Pai, chegaremos à conclusão de que é única e exatamente o mesmo [Pai] quem conserva a existência de todas as coisas até quando ele desejar. Mas se formos piedosos ou ímpios – ou ao contrário, se nunca formos movidos por tal consciência – compreenderemos que tal poder não é capaz de fazer surgir a si mesmo, nem a mão da mudança move a si mesma. Ao mesmo tempo, passaremos a perceber que somos parte do universo o qual, na sua totalidade, surge e permanece pelo poder da exclusiva Palavra de Deus, e até que se extinga, Deus age e deixa de agir de um modo ou de outro. Reconheçeremos que todas as coisas que foram feitas são prerrogativas de quem as criou, como, da mesmíssima forma, também Deus é tão magnânimo quando usa seu poder conforme quer a sua vontade como quando retém a sua graça sempre que achar conveniente. Assim, Deus tudo governa com o assentir ou balançar de sua cabeça, assim como criou ele todas as coisas pela sua Palavra, e não há quem o possa impedir. De fato, quem resistiria à vontade do Senhor? Quem, da absoluta nulidade do nada, é capaz de impor às coisas tamanho vigor e eficácia tão somente pela sua Palavra? Dessarte, os piedosos creditarão todas as suas ações, seja quem forem ou pareçam ser, a Deus como seu autor, da mesma sorte que os perversos são advertidos com isso.¹⁷

3. EXEMPLO

Para demonstrar e encorajar o que estamos propondo neste artigo, oferecemos um exemplo final. Um dos ensinamentos centrais da narrativa da criação é o de que Deus criou todas as coisas por meio da sua Palavra. Esta é uma das maiores ênfases de Gênesis 1 e 2, verificada, por exemplo, no fato de que a dinâmica do relato é marcada pela fórmula “*e disse Deus*”, antes de cada um dos atos criacionais.

Em nossa aproximação mais comum do relato, caracterizada pelo impulso da apologética científica e da busca por responder às nossas curiosidades, temos a tendência de interpretar esta fórmula em referência ao *modo* como a realidade foi trazida à existência, como se Moisés desejasse nos informar que tudo passou a existir graças ao pronunciamento de fonemas por parte do

¹⁷ CAPITO, W. Sobre a obra de Deus em seis dias. In: THOMPSON, J. L. et al. *Comentário Bíblico da Reforma – Gênesis 1-11*, p. 66.

Criador. A analogia da fé,¹⁸ porém, indica que essa fórmula diz respeito, mais especificamente, ao *agente* criacional. Isto é evidenciado, por exemplo, pela identificação imediata que o prólogo do Evangelho de João faz entre a pessoa de Cristo e a Palavra criadora, e na menção direta que esta mesma passagem faz à participação essencial do Filho de Deus no ato criador.¹⁹

É assim que Lutero interpreta a expressão, ao dizer que

O mundo criado é trazido à existência pelo Verbo incriado. O que mais seria a criação em sua totalidade senão o Verbo de Deus proferido ou externado por Deus? O Verbo incriado, porém, é pensamento divino, ordenança interior que habita em Deus, o mesmo com Deus, e, não obstante, uma Pessoa distinta.²⁰

Também é assim que Calvino a entende, ao interpretar Gênesis 1.3, dizendo:

Nesse momento, pela primeira vez, Moisés põe Deus em cena em pleno ato de falar, como se ele tivesse criado a massa de terra e céu sem o Verbo. No entanto, João testifica que “sem ele, nada do que foi feito se fez” (Jo 1.3). E, sem dúvida, o mundo começara pela mesma eficácia do Verbo pelo qual foi completado. Deus, todavia, não manifestou o seu Verbo senão quando a luz veio à existência, pois assim a sua Sabedoria começa a se evidenciar na medida em que as coisas são diferenciadas. Só isso é o bastante para refutar aqui a blasfêmia de Servetus, † cão danado que aos latidos sustenta ser isto o princípio da existência do Verbo: Deus ordenar que a luz passasse a existir – como se de fato a causa não fosse anterior ao seu efeito! Na verdade, se as coisas inexistentes vieram a existir de súbito pela ação do Verbo de Deus, deveríamos, em vez disso, concluir que a essência [do Verbo] é eterna. Os apóstolos, portanto, demonstram a divindade de Deus de forma correta a partir disto: uma vez que ele é o Verbo de Deus, todas as coisas foram criadas por ele. Servetus imagina uma nova qualidade em Deus, quando o Criador passa a falar. Mas podemos pensar de forma muito diferente acerca do Verbo de Deus, pois, verdadeiramente, ele é a Sabedoria que habita em Deus sem a qual Deus jamais poderia existir – mesmo que seus feitos só tenham aparecido quando a luz foi criada.²¹

¹⁸ Como sustenta a Confissão de Fé de Westminster, “a regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente” (CFW I.9).

¹⁹ “No princípio era a Palavra, a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio da Palavra, e, sem ela, nada do que foi feito se fez” (Jo 1.1-3).

²⁰ LUTERO, M. Palestras sobre Gênesis 1.5. In: THOMPSON, J. L. et al. *Comentário Bíblico da Reforma – Gênesis 1-11*, p. 82.

²¹ CALVINO, J. Comentário sobre Gênesis 1.3. In: THOMPSON, J. L. et al. *Comentário bíblico da Reforma: Gênesis 1-11*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 81.

Portanto, ao dizer que Deus criou a realidade pela Palavra, o relato bíblico deseja fincar uma estaca fundamental da visão de mundo cristã: a natureza pessoal da realidade criada, que por sua vez, alude à questão do sentido ou do significado desta mesma realidade. Uma das maiores implicações dessa afirmação é que a realidade não existe vazia de sentido e de significado, aberta para a recepção dos mesmos, por parte do sujeito humano, como argumentam as correntes filosóficas contemporâneas mais populares. A realidade existe dotada de sentido e significado prévios, que independem de qualquer relação anterior entre ela e o sujeito humano.

É especialmente bela, a maneira como o relato criacional aponta para o controle de Deus sobre o processo de significação. Em Gênesis 1.3, por exemplo, lemos que *Deus disse: haja luz e houve luz*. Esta afirmação, aparentemente simples, indica que, no mundo em que vivemos, o significado das coisas precede as próprias coisas. Antes que elas fossem, Deus as chama pelo nome; e quando elas vêm a ser, são exatamente o que Deus chamou. O sentido precede a coisa e não o contrário.

Francis Schaeffer mostra a importância apologética e existencial disto, ao escrever as seguintes palavras:

O fato é que, se quisermos viver de alguma forma neste mundo, temos que viver nele agindo a partir do pressuposto de que há uma correlação entre nós mesmos e as coisas que existem, mesmo se sustentarmos uma filosofia que diz não haver tal correlação. Não há como viver neste mundo de forma diferente. Mesmo aqueles que procuram sustentar teoricamente a mais convincente concepção de que não existe relação entre as coisas (Hume, por exemplo), vivem neste mundo fundados na experiência de que há uma correlação entre o mundo externo e o interno, entre a causa e o efeito. Eles não apenas vivem desta maneira, eles têm que viver desta maneira. Não há outra maneira de viver neste mundo. Foi assim que o mundo foi feito. Assim, da mesma forma como todos os homens amam, mesmo quando dizem que o amor não existe, e todos os homens têm senso moral, mesmo quando dizem que não existe moral, da mesma forma todos os homens agem como se houvesse uma correlação entre o mundo externo e o interno, mesmo não tendo base nenhuma para sustentar tal correlação. O que estou querendo dizer é que a visão cristã está perfeitamente alinhada com a experiência de todos os homens. Mas nenhum outro sistema, exceto o judaico-cristão – que é apresentado no Antigo Testamento, da mesma forma como no Novo Testamento – explica-nos porque há uma relação entre sujeito e objeto.²²

CONCLUSÃO

Neste artigo, argumentamos que, frequentemente, nos aproximamos do relato da criação de maneira reducionista. Essa aproximação, além de não

²² SCHAEFFER, F. *O Deus que se revela*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 108-109.

fazer justiça ao objetivo original do relato, obscurece a sua importância e as suas implicações para a cosmovisão cristã. Sugerimos que uma aproximação mais adequada do relato, que leva em conta o seu propósito original, deve ser mais ampla e extrair dele as suas implicações para o âmbito da cosmovisão.

Pelo menos dois benefícios podem ser derivados desta aproximação. O primeiro é também de natureza apologética. Essa aproximação amplia o escopo da nossa investida apologética, transpondo o embate para o âmbito das crenças fundamentais e auxiliando-nos no enfrentamento de crenças que operam em cosmovisões desafiadoras para o cristianismo no mundo contemporâneo, como o secularismo e o existencialismo por exemplo. Um cristão que lida com o relato da criação nos termos propostos aqui, será menos suscetível a posturas que dependem de uma ontologia antirrealista, como o subjetivismo epistemológico e o relativismo moral, por exemplo.

O segundo é um benefício de ordem espiritual. Afinal, o que descrevemos como uma tensão entre o pensamento cristão e o não cristão é um retrato do que experimentamos em nossa própria experiência individual, por ocasião da nossa batalha espiritual. Boa parte das tensões espirituais que vivenciamos resultam da nossa tentativa de viver em um universo paralelo, onde a realidade pode ser significada de acordo com a nossa própria vontade, ao invés de ser encarada como, de fato, é: o resultado da vontade de Deus. Em última instância, o pecado é isso: a rejeição da nossa condição de criaturas e a tentativa de nossa autoafirmação como criadores. Quanto mais rápido aprendermos a lição de que só existe um mundo real – aquele no qual Deus é Criador e nós somos criaturas – maior é a chance de desfrutarmos de uma vida espiritual saudável.

ABSTRACT

This article discusses our approach to the biblical account of creation. It argues that we tend to adopt a reductionist approach, connected to a scientific apologetic and to the desire to respond to certain scientific curiosities. It insists that such an approach does not do justice to the context of the narrative, arguing that it loses sight of its impacts on the Christian worldview and advancing an approach that takes into account such impacts, providing examples of its benefits.

KEYWORDS

Christian worldview; Apologetics; Creationism; Biblical hermeneutics.